



EXISTÊNCIA

Sobre a

LOCURA

POR IDALINA KRAUSE

Idalina Krause

é bacharel e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), especialista em Filosofia Contemporânea e Brasileira (PUC/RS) e em Filosofia Clínica (Instituto Packter de Porto Alegre/RS)

Na sociedade racional, o louco foi isolado, posto à parte da humanidade, e perdeu o direito de ser ouvido. Mas a loucura já teve, inclusive, conotação positiva. Aos poucos, resgata-se um diálogo que parecia perdido. Várias obras filosóficas contribuíram para isso

Nos primórdios da História da humanidade, a loucura sempre foi um assunto em pauta. Na Filosofia Grega, por exemplo, a boa loucura é destacada por Platão na obra *Fedro*, não sendo considerada uma doença ou perdição, mas inspiração – um dom divino, que pode ser profético, poético, purificador, amoroso. Fruto do entusiasmo, a boa loucura busca a beleza ideal despertada pelas lembranças diante das coisas do mundo.

Visão diferente sobre a loucura é proposta pelo humanista Erasmo de Rotterdam. O filósofo da Renascença defende a ideia de que a loucura é o amor à vida em sua simplicidade. Essa forma de loucura não possui conotação divina – é humana, laica. Em seu livro *Elogio da Loucura*, publicado em Paris em 1509, expõe

o retrato deste homem: “um homem qualquer, retirado da multidão dos homens loucos, que, conquanto louco, soubesse comandar os loucos e obedecer a eles e fazer-se amar por todos; e que fosse complacente com a esposa, bom para os filhos, alegres nos banquetes, sociável com todos com quem convive, e por fim, que não se considerasse alheio a tudo o que pertence à humanidade”.

Rotterdam, de forma crítica, expõe ao ridículo os que se cobriam de poder em seu tempo, os que tinham na razão todos os mandos e desmandos, como visão absoluta da realidade. Suas palavras, por vezes impiedosas, tinham alvo certo: eram um grito contra os podres poderes exercidos por bispos, cardeais, papas, fidalgos, príncipes e monarcas “detentores” da verdade.



ART RENEWAL INTERNATIONAL

Navio dos loucos, pintura de Bosch (1450-1516). O imaginário da loucura permeia a Arte. Essa obra faz uma crítica aos costumes da época, marcados por devassidão e profanidade em todos os estratos sociais

A loucura como senso de humanidade era sua proposta. Um amor sem artifícios nem sombras, sem verdades absolutas e universais, onde o que importa é saber viver e amar loucamente. Como resume sua opinião sobre a condição humana: "o homem é tanto mais feliz, quanto mais numerosas são as suas modalidades de loucura."

Nas composições do imaginário da Literatura e da Arte dos séculos XV e XVI, a loucura também se destaca. O motivo cultural da *Nau dos insensatos* era uma paródia da *arca de salvação*,

assim classificada pela Igreja Católica. Essa alegoria, que está imbuída de um senso de autocrítica, descreve o mundo e seus habitantes como uma nau cujos passageiros perturbados não sabem, nem se importam para onde estão indo e em que águas navegam. O *Navio dos loucos*, pintura de Hieronymus Bosch, também faz uma crítica aos costumes da sociedade da época. Essa alegoria traz a devassidão, a profanidade e a morte, presentes em todos os grupos sociais, incluindo o clero.

Privados do convívio em interações, os loucos viviam isolados em seu próprio mundo. Solidão e tristeza seguiam a loucura

Na poesia, Sebastian Brant escreve, em 1494, *Das Narrenschiff*, também conhecido com o nome latino de *Stultifera Navis*. O poema, um tanto extenso, faz o inventário de mais de uma centena de vícios morais e pretensões mundanas da época. Sua poesia descreve a reunião de um cortejo de loucos no qual todos são embarcados numa nau que navegará até a mítica "Narragônia", ilha onde estariam reunidos todos os vícios por ele apontados.

A loucura muitas vezes foi associada ao demônio e às bruxas. Um dos manuais muito utilizados pela igreja foi escrito em 1483 por Sprenger e Henrich Kramer. Com o título *Malleus Maleficarum*, ou "Martelo das Bruxas", servia como guia aos exorcistas e inquisidores da época, que buscavam uma identificação dos casos de possessão demoníaca.

Já na Literatura desse período emergem os *Ensaio de Montaigne*,

as tragédias como *Hamlet*, de William Shakespeare e os romances psicológicos de riqueza humana e artística de Miguel de Cervantes e seu *Dom Quixote*.

Um dos mais importantes e significativos estudos sobre esse tema foi feito pelo filósofo francês Michel Foucault. Em sua obra *História da Loucura*, traça um perfil da loucura em sua especificidade, ou seja, não como algo imutável, estanque. A essência da loucura está ligada, segundo ele, aos contextos históricos, cultural e econômico. Para os "desprovidos de razão" houve sempre a exclusão do convívio social, isso desde a Idade Clássica e podemos dizer que até os nossos dias. O filósofo francês desvela, diante disso, os mecanismos sociais que submetem o homem às suas condições e regras perversas.

Foucault salienta também que esse princípio de exclusão ocorre nos discursos proferidos que têm somente a razão como parâmetro. "Desde os arcanos da Idade Média o louco é aquele cujo discurso não pode transmitir-se como o dos outros: ou a sua palavra nada vale e não existe, não possuindo nem verdade nem importância, não podendo testemunhar em matéria de justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo sequer, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; ou, como reverso de tudo isto, e por oposição a outra palavra qualquer, são-lhe atribuídos estranhos poderes: o de dizer uma verdade oculta, o de anunciar o futuro, o de ver, com toda a credulidade, aquilo que a sagacidade dos outros não consegue atingir". (Foucault, 1971)

A verdade do louco marcada pela diferença dos discursos passa a ser partilhada, mas sem ser retida ou escutada. Foi só após o século XVIII que a Medicina começou a se importar com o discurs-

so da loucura. Esse ruído simbólico era proferido e aceito, a princípio, nos teatros, lugar onde pessoas representavam a verdade mascarada do insano plenamente, reconciliado, sem armas, manso.

A civilização forjou a razão, determinando a capacidade de um indivíduo para fazer parte ou não do seu tecido social. Essa razão fabricada, em teares ardilosos, não permite a manifestação da loucura, encerrando-a e expulsando-a do convívio social.

RAZÃO E DESRAZÃO

Razão e loucura se implicam numa relação confusa. O limite entre "desrazão" e "razão" se dará através do renascimento científico que cerca a loucura e a confina com o rótulo de doença mental. Este indicativo de patologia tem como vigia os médicos, e seu diagnóstico vale como interdição para os "não razoáveis".

Foucault pesquisa os conceitos estabelecidos pelos psiquiatras Pinel, Tuke e Falret, entre outros e descobre que o saber sobre a verdade dos loucos não pode ser visto unicamente pelos seus postulados explícitos. Na medida em que ganha foro de verdade, estes postulados, articulados em vários níveis, devem ser produzidos diferenciadamente.

O acidente doentio que torna o lou-



No pensamento de Nietzsche, a loucura poderia ser útil ao permitir, por exemplo, o questionamento de valores decadentes. Segundo o filósofo, a loucura abre o caminho para ideias novas, rompe costumes e extermina superstições.

A Nau dos Insensatos retratada numa xilogravura alemã de 1549. A antiga alegoria, que aparece na Literatura, na pintura e na música, compara o mundo e seus habitantes a uma nau cujos passageiros não têm controle ou preocupação com a rota





co rotulado pela Ciência afasta-o ainda mais do convívio social. O homem dito louco passa a ser olhado, analisado e compreendido através de uma razão abstrata, rica em conceituações morais e universalizações religiosas. Distantes do senso de humanidade que a percepção lhe negou, é confinado dentro das instituições asilares e retiros. Tratados isoladamente da sociedade, obrigados a seguir um regime médico com imposição de hábitos morais e intelectuais, seguiam um adestramento impositivo.

O louco, para alguns, não produz, não trabalha, é preguiçoso, não gera riqueza, muitas vezes é afastado da estrutura familiar, sofre todas as penalidades impostas pela sociedade racional, sentindo na pele todos os tipos de coações morais.

A loucura, transformada em doença, será teorizada e vivida social e culturalmente. O internamento passa a ter valor terapêutico

Foucault destaca, em sua obra, que a questão da loucura possibilitará os saberes que falam sobre ela. O mundo ocidental é obrigado a se curvar frente às obras como as produzidas por Friedrich Nietzsche, Vincent Van Gogh e Antonin Artaud, pois elas pedem reparação e reconhecimento: "ali onde há obra, não há loucura" (Foucault, 1997). Apesar de sua exclusão, os loucos continuam a falar de si na busca do diálogo entre razão teórica e a loucura prática.

Os conceitos psicopatológicos, segundo Foucault, com seu papel de detentor das verdades precisam ser renunciados, suspensos, pois não há verdades abso-

lutas, ou seja, não existem verdades confirmadas quando se pesquisa a razão e a loucura. Esses conceitos políticos precisam ser revisitados dentro de um contexto histórico. É preciso um corte no repouso da verdade que institucionalizou a loucura para que ela possa emergir em sua plenitude, sem distância e sem vazio. O mundo patológico se organiza com regras e normas que não deixa espaço para a percepção do louco. Ele é visto somente em seu delírio, que tornam irrisórias as tentativas de análise direta, pois se baseiam unicamente em seus sintomas. Em seu delírio, o louco desatinado é internado, privado de sua liberdade e nesse contexto a loucura começará a ser vigiada cada vez mais, observada de perto como doença do espírito.

Por ter sido posta à margem do devir humano durante a História, a loucura é o estigma de uma classe que abandonou as formas da ética burguesa. A partir do século XVIII, a loucura emerge, com sua presença confusa, questionando a abstração do internamento. Com a evolução das ciências médicas tem-se conhecimento das formas da loucura, por um lado, e de outro, um esforço de reconhecimento da voz da loucura que conquista sua linguagem própria no silêncio do internato. "O que se chama de prática psiquiátrica é uma certa tática moral, contemporânea do fim do século



ARQUIVO CIÊNCIA & VIDA

Cena de Hamlet, tragédia escrita por Shakespeare. Hamlet finge-se de louco para conseguir dados que incriminem o rei, seu padrasto, pela morte de seu pai



“Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura” ARISTÓTELES

XVIII, conservada nos ritos da vida asilar e recoberta pelos mitos do positivismo.” (Foucault, 1997).

Começam a surgir novas criações de um conjunto de teorias de reformas conduzidas por Tuke, Pinel e Reil, passando assim a se constituir os grandes asilos do século XIX. A transformação da casa de internamento em asilo se deu através de uma reestruturação interna deste espaço, onde a loucura permaneceu por séculos. Com o espaço asilar habitado com novos valores, a Medicina começa a tomar posse do asilo chamando para si todo o universo das experiências da loucura. Abertas as celas, soltas as correntes, o espetáculo sarcástico continua, no uso restrito da liberdade pelo louco. O silêncio e a solidão são a sua virtude e a culpa por sua condição singular, o seu castigo.

VISÃO DA PSICOLOGIA

A loucura se transforma em doença mental e como patologia será teorizada e vivida política, social e culturalmente. O internamento passa, aos poucos, a ter um valor terapêutico como consequência do reajustamento de gestos sociais, políticos e morais que desde mais de um século condenaram a loucura e o desatino.

As significações essenciais da loucura passam a se modificar com a Psicologia que está em vias de surgir. O conteúdo do louco clássico é retomado via conhecimento psicológico, baseado nas formas menos refletidas e mais imediatas da moralidade. A relação médico-doente tem, em Freud, plena aceitação com o surgimento da Psicanálise. Na direção dos médicos, se encaminham as

estruturas de internamento organizadas por Pinel e Tuke. A alienação torna-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito. O médico, enquanto figura alienante torna-se a chave da Psicanálise. “A Psicanálise pode desfazer algumas das formas da loucura; mesmo assim, ela permanece estranha ao trabalho soberano do desatinado. Ela não pode nem libertar-se nem transcrever e, com razão ainda maior, nem explicar o que há de essencial nesse trabalho.” (Foucault, 1997)

Com maior “liberdade”, o louco se confronta com sua própria verdade. A loucura passará a falar a língua do “ser” homem, no conteúdo daquilo que ele é e no esquecimento desse conteúdo, pois a loucura não se esgota na verdade do louco, mas no seu enigma humano.

O DESTINO DA CLÍNICA

O pensamento de Michel Foucault rejeita as ideias de teorias totalizantes.

Sua preocupação é com a análise arqueológica das formas de conhecimento e dos discursos, que operam historicamente nas instituições. Em sua obra *O Nascimento da Clínica*, destaca a forma como a Medicina moderna trouxe um novo recorte e como seu domínio se volta para o espaço do corpo individual. Surgindo daí um novo discurso, a Epistemologia da idade clássica caiu por terra e fez emergir novos sig-

Erasmus de Rotterdam, por Hans Holbein. Sua obra mais conhecida é Elogio da Loucura (1509). Teólogo e humanista, ele defende ser a loucura um amor à vida em sua simplicidade





SHUTTERSTOCK

A loucura pode ser viver livremente, mas também em confinamento. É algo que oscila entre o louvável e o digno de pena. Para Foucault, a essência da loucura está ligada a contextos históricos, culturais e econômicos

nos, palavras, termos e jogos discursivos entre o falso e o verdadeiro.

A clínica professa, não produz conhecimento; é classificatória, já que o sintoma é o signo da doença. A Medicina dos sintomas abre lugar à Medicina dos órgãos. Um olhar vertical do médico observa a forma patológica da existência, seus tecidos íntimos lesionados explicam toda uma sintomatologia.

O sofrimento do louco e seu isolamento se transformam em adoecimento e os hospitais e clínicas tornam-se lugares possíveis desta manifestação. O olhar clínico tem nos prontuários suas fontes de consulta, distante dos registros vivos de uma história de vida da pessoa.

A relação médico-paciente tornou-se, na maioria dos casos, um olhar sem escuta, investigação quase muda, que não dialógica, sem anamnese. O paciente é

objeto e instrumento das ciências médicas. Medo, tristeza, isolamento por fatores incapacitantes que geram sofrimento deveriam servir como base de um processo relacional mais humanitário. Parece que não há vida nestes instantes, nenhum poder criativo que faça acontecer um modo mais original de ver, perceber, trocar ideias, que é o que, de fato, nos reconstitui existencialmente. Parece haver uma anestesia nas percepções!

Faz-se necessário uma nova Epistemologia, uma prática terapêutica diferente, menos medicamentos, mais conversa, menos exames de alta tecnologia, mais olhares atentos sobre a corporeidade, menos internações, mais acompanhamentos, menos isolamento, um pouco mais de liberdade, menos sofrimento, mais atenção e cuidados mínimos. Caso contrário, a clínica cairá provavelmente no esvaziamento, no descaso. Morrerá dos seus próprios venenos.

Sem catastrofismo, o destino é inconsistente, mas influenciado pelas ações que afetam os rumos da existência, num exercício apaixonado e criativo. Os grandes infortúnios, os fados, se bem aproveitados, podem trazer ganhos inesperados. Interrogar e diversificar os pensares, esse é o grande mistério que alegra e refrigera a alma do médico e do louco que cada um de nós traz em suas entranhas na descontinuidade da vida. **E**

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997
- _____. *L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*, Trad. Edmundo Cordeiro. Éditions Gallimard, Paris, 1971
- _____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1998
- PLATÃO. *Diálogos*. Rio de Janeiro. Ediouro, 1986
- ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica e editora.